

PENSAR

Epifania inacabada

Terceiro e último romance de David Foster Wallace (1962-2008), “O rei pálido” é o testamento – ainda que incompleto – de um dos mais inovadores escritores surgidos nas últimas décadas

ANDRÉ DE LEONES*

ESPECIAL PARA O EM

Alguns funcionários do fisco, lotados em um escritório na cidade de Peoria, no Meio-Oeste dos Estados Unidos, em meados da década de 1980: eis os habitantes da “terra muito velha” pela qual circula David Foster Wallace (também conhecido apenas pelas iniciais DFW) em “O rei pálido”, seu terceiro e derradeiro romance. Lançado postumamente em 2011 e finalista do Pulitzer no ano seguinte, trata-se de um livro inacabado. Após o suicídio do autor, em 2008, o editor Michael Pietsch se viu soterrado por arquivos, pastas, disquetes, resmas manuscritas e anotações em cadernos. Assim, o que temos em mãos é também fruto de um enorme esforço editorial, pois, em meio à papelada deixada por DFW, não havia um esquema que norteasse o trabalho de organização do material. Assim, à medida que alguns personagens e linhas narrativas se sobressaem, e há várias e várias passagens de enorme beleza literária, o que o leitor tem a fazer é se deixar levar por esses fragmentos, regozijando-se com o que foi feito e intuindo o que o autor talvez pretendesse fazer.

Dada a sua incompletude, romances inacabados por motivos de força maior — e não existe força maior do que a morte (nem mesmo os impostos) — tendem a deixar os leitores com um nó na garganta. Impossível não lamentar a inconclusão. Em se tratando de “O rei pálido”, esse nó é ainda mais apertado: “2666”, de Roberto Bolaño, e “O grande”, de Juan Jose Saer, para citar duas obras-primas lançadas neste século, são livros mais “acabados” do que o romance de DFW. Mas, ainda assim, ele é muito bem-sucedido na concretização de seu universo ficcional.

Teia de personagens e situações

O que “falta” são maiores desdobramentos posteriores e paralelos, o momento (como em “Graça infinita”) em que essa teia de personagens e situações converge de alguma ou de várias maneiras. Temos mais do que um vislumbre disso em alguns momentos, como nos capítulos 14 (cuja estrutura lembra a dos contos-título de “Breves entrevistas com homens hediondos”), 19 (o bate-papo no elevador oferecendo pérolas como: “A extraordinária apatia política que se seguiu a Watergate e ao Vietnã e a institucionalização da rebelião comunitária entre as minorias só vão se aprofundar. Política depende de consenso, e o legado publicitário dos anos sessenta diz que consenso é respiração.”), 29 (você jamais esquecerá a história envolvendo Marcus Gordão, o Agiota e Diablo, o Surrealista Canhoto — “Ninguém na sua universidade tinha uns nomes tipo Joe ou Bill?”) e 46 (um longo diálogo em que, ao final, dadas as coisas ditas e não ditas entre dois indivíduos, quem está evitando é o leitor).

Não obstante a reiterada incompletude da obra, é incrível como vários dos personagens já aparecem inteiros. Nenhum dos fragmentos coligidos pelo editor é dispensável, longe disso, e o ideal (até para se familiarizar com a ambientação, as intrigas e, sim, os fantasmas do lugar) é seguir a ordem estabelecida na edição, mas há capítulos que se sustentam quase — repito: quase — como narrativas autônomas. Em geral, são passagens que se debruçam sobre a vida pregressa e/ou interior de um punhado de personagens, como o “médium de fatos” Claude Sylvanshine (2, 7, 15, e o que é aquela ligação em 30?), Leonard Stecyk (5, 12), Lane A. Dean Jr. (6, 33), Toni Ware (8, 45), David Cusk (13) e Chris Fogle (22).

O próprio DFW se coloca como personagem, e o “prefácio” (9) brinca com a “verdade” da narrativa supostamente memorialística (“A verdade é que há, nesse relato não ficcional, certas leves alterações e reorganizações estratégicas”; “Você meio que tem que deixar algumas coisas passarem, nisso de escrever não ficção”) e com a própria aparência do autor e das coisas — vide o local onde todos trabalham, prédio elusivo desde a sua arquitetura, “com sua imensa fachada autocontemplativa”. Há, também, uma espécie de Doppelgänger burocrático de DFW, na verdade outro personagem com o mesmo nome, o que provoca uma “redundância fantasma” (38) e diversos mal-entendidos, um deles particularmente constrangedor (24) no primeiro dia dele como funcionário do fisco.

Das passagens citadas até aqui, o longo depoimento de Fogle, a narrativa acerca do passado traumático de Ware e a dupla “confissão” de Meredith Rand (46) talvez sejam os melhores exemplos da capacidade que DFW tem de expor certas fraturas e dar estofo e humanidade aos personagens que cria. Embora ele tenha anotado que a “trama é uma série de preparações para coisas que vão acontecer, sem que nada aconteça de fato” — o que é reiterado pela ideia de uma peça teatral ventilada por um personagem, peça em que nada acontece, ou em que a ação só acontece depois que a plateia desiste e vai embora —, somos envolvidos por uma série de acontecimentos às vezes terríveis (o analista morto há dias sem que os colegas percebam; os abusos sofridos por Ware; o destino do pai de Fogle), às vezes pedestres (o atentado que não é atentado; a conversa fiada dos funcionários no intervalo; a irmã de Nugent imitando a moça d’O exorcista”), mas desvelados em um tom não raro compassivo e, no caso de Ware (8), com uma levada que ecoa Cormac McCarthy: “O sol lá no alto como um olho mágico que se mostrava o coração do inferno consumindo-se sozinho”.

É graças ao talento de DFW e à generosidade dele para com os personagens que “O rei pálido”, em vez de se deixar abraçar pelo “véu de tédio”, pelo “tédio além do tédio”, abraça o leitor. A qualidade narrativa do romance está ancorada nessa proximidade que ele cria entre nós e os personagens. Aquele esforço compassivo é muito bem-sucedido; mesmo a ironia funciona como um vetor de aproximação, não de distanciamento. E é graças a tudo isso que, volta e meia, somos pegos no contrapé: seja em uma aula de marcenaria do ensino médio, seja em um bar no qual os funcionários do fisco se reúnem após o expediente, as epifanias se materializam uma após a outra.

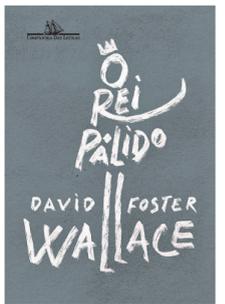


TRECHO

“As habilidades relacionais da mãe eram insignificantes e não incluíam a fala confiável ou consistente. A filha foi aprendendo a confiar em ações e detalhadamente ler sinais dos quais o grosso das crianças se mantém inocente. O surrado atlas rodoviário tinha então aparecido e estendido jazia sobre a fresta mediana do balcão aberto no estado natal da mãe sobre cuja representação de seu ponto de origem restava um esporo de muco seco rajado de rubro fio de sangue. O atlas ficou aberto daquele jeito por quase uma semana inconsulto; elas comiam em volta dele. Acumulava cinzas que o vento trazia pela tela rasgada. Formigas assolavam todos os trailers do parque, havendo algo na cinza do fogo de que elas precisavam. (...)”

“O REI PÁLIDO: UM ROMANCE INACABADO”

- David Foster Wallace
- Tradução de Caetano W. Gallindo
- Companhia das Letras
- 608 páginas
- R\$ 114,90



GUIA DE LEITURA DA OBRA DE DFW

Romancista, contista e ensaísta, David Foster Wallace se movimentava com desenvoltura em todos esses gêneros. Os livros citados abaixo saíram no Brasil pela Companhia das Letras. Uma coletânea de entrevistas, “Um antídoto contra a solidão”, foi publicada em 2021 pela editora mineira Ayiné.

Na prosa de não ficção, a coletânea “Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo” (trad.: Daniel Galera e Daniel Pellizzari) vai à Feira Estadual de Illinois, a um cruzeiro pelo Caribe e ao Festival da Lagosta do Maine. O volume também inclui “Isto é água”, discurso que viralizou após a morte de DFW e no qual é sublinhada aquela “liberdade de ver os outros”.

Essa liberdade parece inteira em “Graça infinita” (trad.: Caetano Gallindo). Drogas, tênis, depressão, cinema, caos político (aliás, em tempos de guerra da Ucrânia, sugiro a passagem com o jogo Eskhaton, a partir da pág. 331) e virtuosismo: tudo comparece ali. Não custa lembrar que o primeiro romance do autor, o divertidíssimo e wittgensteiniano “The bromo of the system”, permanece inédito por aqui. Não quero engolir o universo como Bombardini, mas há ausências inexplicáveis em nossas prateleiras (como William Gaddis, uma das inspirações literárias de DFW e um dos maiores autores do século 20).

Por fim, “Breves entrevistas com homens hediondos” (trad.: José Rubens Siqueira) traz alguns dos melhores contos do autor, como “A pessoa deprimida” e “Sem querer dizer nada”. Seria ótimo o leitor não fluente em inglês ter à disposição a melhor coletânea de DFW, “Oblivion” — é nela que está “The suffering channel”, sobre um jornalista que, às vésperas dos atentados de 11/9, tenta escrever sobre um artista que defeca suas obras.

* André de Leones é escritor, autor de “Eufrates” (José Olympio), entre outros romances